

**HOMOSSEXUALIDADE FEMININA NA ROMA ANTIGA (I D.C.):
ENTRE OS VERSOS DE OVÍDIO E AS PAREDES DE POMPEIA**

Victoria Lacerda¹

RESUMO: Este artigo se insere no âmbito dos estudos acerca da sexualidade na Antiguidade Clássica, particularmente, na Roma antiga. Propõe-se uma análise sobre as representações da homossexualidade feminina na Roma antiga (século I d.C.), tendo como fontes fundamentais o conto de Ífis e lante (*Metamorfoses IX*, de Ovídio), um grafite (CIL IV, 5296) e uma pintura parietal de Pompeia. Buscando, a partir da literatura e da cultura material, compreender como as relações sexuais-amorosas entre mulheres se configurava no imaginário social desta sociedade. Como hipótese inicial, defende-se que, entre os versos de Ovídio e as paredes de Pompeia, a homossexualidade feminina foi representada de diferentes formas, mas com um mesmo fundo simbólico capaz de desafiar o ideal de virilidade masculina na Roma antiga (I d.C.).

Palavras-chave: Homossexualidade feminina; Roma Antiga; Ovídio; Pompeia.

Introdução

O presente artigo busca refletir e analisar as representações da homossexualidade feminina na Roma antiga (I d.C.), tendo como fontes fundamentais o conto de Ífis e lante (*Metamorfoses IX*, de Ovídio), o grafite 5296 (CIL IV) e uma pintura parietal de Pompeia. Relacionadas pela temática da homossexualidade feminina, utiliza-se como hipótese que ambas as fontes desafiam o ideal de virilidade masculina na Roma antiga (I d.C.). Análise que contribui para compreender como as relações sexuais-amorosas entre mulheres se configurava no imaginário social desta sociedade.

Buscando uma possível relação entre a cultura erudita e a cultura popular, questiona-se como a temática foi abordada e simbolizada. Se há

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/Unifesp) e graduada em História - Licenciatura, pela mesma instituição (2017-2022). Integrante do Grupo de Estudos Jahiliyya (Unifesp) desde 2019, sob coordenação do Prof. Dr. Jorge Elices Ocón. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5276686908441501>. E-mail: llacerda.victoria@gmail.com.

uma relação entre os versos de Ovídio e as paredes de Pompeia, será esta relação complementar ou contraditória? Problematizando a ideia de uma sociedade romana segmentada, fixa e de moral inflexível, considera-se o caráter diverso e a dinâmica cultural conectada entre literatura e cultura material sem que uma seja colocada em detrimento da outra. Para isso, uma análise comparativa será empregada.

No primeiro momento, buscar-se-á problematizar o uso dos conceitos de gênero e sexualidade quando voltados às sociedades antigas, refletindo sobre a trajetória do campo de estudo. Assim como estabelecer diferenças fundamentais entre a moral antiga, a moral moderna e a moral contemporânea no que tange os estudos acerca da sexualidade. No segundo momento, serão apresentadas algumas considerações sobre as principais características da cultura erudita e da cultura popular, que se mostra imprescindível à proposta, já que aborda fontes de produções diversas. Além disso, ao analisar o conto de Ífis e Lante (*Metamorfoses IX*, de Ovídio), o grafite 5296 (CIL IV) e uma pintura parietal cuja representação são duas mulheres tendo relação sexual, que contribui para compreender como o imaginário social acerca da homossexualidade feminina se articula entre diferentes camadas da Roma antiga (I d.C.).

Sexualidade na Antiguidade Clássica: limites e possibilidades sobre aplicabilidade conceitual nos estudos sobre Roma antiga (I d.C.)

Os estudos acerca das experiências das mulheres na História adentraram a academia desde pelo menos a década de 1970. É a partir da procura por novos objetos de estudo para constituição da História que as mulheres, enquanto sujeitos históricos, passam a ser estudadas (PERROT, 2007: 12). Desde então, os estudos voltados às relações de gênero e sexualidade buscam compreender o feminino e o masculino, assumindo um importante espaço no âmbito das Ciências Humanas. Contudo, em relação à área da História Antiga, encontra-se alguns limites de aplicabilidade dessas

categorias. Mesmo assim, o interesse acerca das experiências femininas e as relações de gênero têm crescido na área, especialmente no Brasil.

Para compreender os limites e as possibilidades de análise, faz-se necessário estabelecer algumas considerações sobre os conceitos que guiam este artigo: gênero, sexualidade e homossexualidade. Ao lançar uma análise sobre a homossexualidade feminina na Roma antiga (I d.C.), cabe refletir acerca da moral antiga, da moral moderna e da moral contemporânea. Considerando, por exemplo, a conexão direta entre religiosidade e sexualidade que permeiam essa sociedade.

O conceito de gênero surge entre as feministas americanas enfatizando o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo (SCOTT, 1995: 72). Nesta visão, mulheres e homens eram definidos em termos recíprocos, o que implicava que não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo separado (SCOTT, 1995: 72). Joan Scott observa que o gênero começa a ser pensado como possibilidade de análise na década de 1980, quando a História das Mulheres passa a ser questionada por não possuir teoria própria (SCOTT, 1995: 75). Neste momento, o gênero, como explica Judith Butler, passa a ser entendido como construção histórica, social e política, abrindo um horizonte epistemológico, uma vez que as relações entre feminino e masculino passam a ser desnaturalizadas (BUTLER, 2003).

No campo da História, Maria Izilda Mattos observa que “os estudos de gênero vão de encontro a certas tendências da historiografia contemporânea que questionam a concepção de história como evolução linear” (MATTOS, 1998: 69). Nesta perspectiva, os estudos de gênero podem contribuir para a possibilidade de romper com uma segmentação entre passado e presente. Além disso, “a categoria de gênero encontrou terreno favorável na historiografia brasileira contemporânea, desnaturalizando as identidades sexuais e postulando a dimensão relacional” (MATTOS, 1998: 68). Dado o enfoque interdisciplinar do campo de estudo, possibilitou, também,

recuperar outras manifestações passadas tanto de experiências coletivas quanto individuais (MATTOS, 1998: 70) das relações sociais, culturais, econômicas e políticas, em determinadas sociedades.

Ao mesmo passo em que o conceito de gênero se desenvolve, enquanto teoria, o sexo adentra a discussão, questionando se “seria o sexo biológico a terminação primeira que condiciona o gênero?”, ou se o sexo é o meio pelo qual o gênero se articula? (PERROT, 2007: 73). Em *História da Sexualidade* (1976), Michel Foucault insere o corpo no campo da historiografia, considerando a historicidade da sexualidade para além das determinações biológicas. Assim, o corpo passa a ser compreendido como um constructo social, cultural, econômico, político e, também, religioso (FOUCAULT, 2021).

Segundo Margareth Rago, Foucault preparou o terreno “ao questionar a naturalização do sujeito e as objetivações operadas pelas práticas discursivas dominantes” (RAGO, 1998: 92). Uma vez que propõe o deslocamento do sujeito e a historicidade da sexualidade, a desnaturalização da vida social, cultural e sexual, contribui para uma história crítica das subjetividades” (RAGO, 1998: 95). Contudo, engana-se quem lê Foucault buscando uma narrativa da “história da sexualidade”. Na área de História Antiga, segundo Glaydson José da Silva e Adilton Luís Martins, a *História da Sexualidade* assume uma ruptura histórica ao afirmar que “não somos greco-romanos” (Martins; Silva; 2008: 52). Ao se afastar de uma perspectiva homogeneizante na busca por uma “origem”, os estudos sobre sexualidade e gênero têm contribuído para uma reflexão mais plural, diversa, móvel e versátil nos estudos sobre as sociedades antigas. Assim, a genealogia foucaultiana retorna à Antiguidade como método da diferença (MARTINS; SILVA; 2008).

No entanto, a aplicação de categorias como gênero e sexualidade, quando voltadas aos estudos sobre Antiguidade, apresenta limites. Por se tratar de um conceito moderno, a sexualidade, segundo Foucault, não pode

ser adotada para os estudos da Antiguidade. Isso porque o termo surge aliado ao desenvolvimento do cristianismo que passa a regular a conduta sexual dos indivíduos (FOUCAULT, 2021). Ademais, na Grécia e Roma antigas, não há nenhum termo que se possa conceber como um sinônimo de sexualidade (FUNARI; RAGO, 2008; FEITOSA, 2005; BOEHRINGER, 2020).

As sociedades grega e romana não definiam as relações sexuais entre os indivíduos por meio da diferença entre os sexos (BOEHREINGER, 2020; RAGO; FUNARI, 2008; FEITOSA, 2005). Diferente da concepção moderna, a relação sexual entre homem-mulher, homem-homem ou mulher-mulher não era suficiente para caracterizar uma identidade ou categoria sexual na Antiguidade (FOUCAULT, 2021). Como observaram Lourdes Conde Feitosa e Margareth Rago faz pouco tempo que a principal referência para caracterizar um indivíduo “deixou de passar fundamentalmente pela sexualidade” (FEITOSA; RAGO; 2008: 107). Ou seja, faz pouco tempo que se questiona “a conexão imediata estabelecida entre identidade e sexualidade, inexistentes em muitos momentos históricos, a exemplo da Antiguidade greco-romana” (FEITOSA; RAGO; 2008: 107).

Eva Cantarella (1999) tentou, adotando a bissexualidade, defender a aplicação do termo sexualidade para os estudos da Antiguidade. No entanto, como explica Sandra Boehringer, tal termo também se originou na modernidade, assim como, o termo homoerotismo (BOEHRINGER, 2021: 9). Nesse sentido, ambas os conceitos continuam sendo “anacrônicos” quando aplicados nos estudos sobre Grécia e Roma antigas (BOEHRINGER, 2021: 9-10). Partindo desse limite, Boehringer sugere abordar a sexualidade como conceito heurístico quando voltado aos estudos acerca da Antiguidade (BOEHRINGER, 2021: 11). Desta forma, abordar a sexualidade enquanto conceito heurístico para as relações sexuais na Grécia e Roma antigas significa considerar os limites investigativos como meio de se chegar a respostas adequadas para questões complexas.

Contrariamente à Foucault (2021) e Paul Veyne (1985), que não incluem o sentimento amoroso em seus estudos acerca da sexualidade antiga, Pierre Grimal (1991) analisa o amor como fundamental na sociedade romana antiga. Mas, assim como a sexualidade, o conceito de amor não era o mesmo para os antigos como também não o é na modernidade e contemporaneidade. Segundo explica Rago e Feitosa, termos como

amor, *affectus*, *dilectio*, *caritas*, *eros* podem representar o “amor por um amigo”, o “amor por um namorado”, o “amor como desejo sexual”, ou o “amor como ato de solidariedade”; são aplicáveis tanto para caracterizar emoções e relações sexo-amorosas, quanto o desejo puramente sexual, diferente do concebido no universo ocidental (FEITOSA; RAGO; 2008: 109 grifos meus).

Ainda assim, Boehringer observa que, mesmo que esses conceitos não encontrem compatibilidade direta nas sociedades antigas, isso não significa que as diferenças das relações sexuais não estavam presentes, ou não foram representadas. Um exemplo dessa oposição pode ser encontrado no emprego da palavra latina *sexus* que, segundo Boehringer, nunca aparece de forma isolada.

Diz-se *sexus virile*, *sexus muliebre* (Manuli, 1983), em grego, igualmente, é recorrente que se especifique *thêlu* (feminino) ou *arren* (masculino). As formas aparentemente gerais que traduzem “as vergonhas” ou as “partes necessárias” fazem referência, em contexto, à genitália masculina ou à feminina, raramente às duas ao mesmo tempo. Em resumo, na Antiguidade, o órgão sexual, quando mencionado, é via de regra sexuado (BOEHRINGER, 2016: 22).

Consideradas as especificidades acerca dos conceitos de sexualidade e amor, tal limite aplicativo pode ser quebrado. Isso porque, segundo Marina Regis Cavicchioli, “para cada sociedade, as vivências, práticas, representações e regras sexuais são distintas”, e deve-se pensar a sexualidade e as práticas sexuais “como algo muito além de um comportamento inato humano [mas] que tem suas regras direcionadas pela cultura” (CAVICCHIOLI, 2008: 51). Cavicchioli observa que a tradição historiográfica mediterrânea resistiu por muito tempo a essa nova

abordagem, já que considerava a Antiguidade como um processo *continuum* (CAVICCHIOLI, 2008: 51-52).

Funari e Rago, ao retomar Georges Duby, lembram que para “cada época, baseada em seus valores de seu momento presente, tentou resgatar um determinado tipo de passado de acordo com suas necessidades de identidade buscando estabelecer as ideias de herança cultural e continuidade histórica” (DUBY, 1980: 44 *apud* RAGO; FUNARI, 2008: 9). A ideia de “herança cultural” – concepção aliada a constituição do Estado-nação – constantemente retomou a Roma antiga a fim de legitimar domínios e criar identidades nacionais. Acerca da sexualidade romana tentou-se ao máximo ocultá-la; um exemplo é que até recentemente havia um “Gabinete Secreto” no Museu Nacional de Nápoles, destinado à exposição das representações sexuais encontradas em Pompeia.

Essa concepção moderna foi alimentada pela religiosidade, principalmente pelo cristianismo (ocidental), como colocado por Cavicchioli,

Para nós, contemporâneos, esta relação entre sexualidade e a religiosidade causa muitas vezes estranhamentos. Isto se dá porque, no conceito de religião predominante atualmente, a sexualidade é, de um modo geral, algo considerado, proibido. No entanto, estamos tratando de um período (século I d.C.) em que a religião católica estava em seus primórdios, e as religiões romanas predominantes não vinculavam ao sexo a ideia de pecado. Os deuses romanos eram sexuados e são representados praticando o ato sexual e sentindo desejo. Eles têm filhos advindos do ato sexual. (CAVICCHIOLI, 2008: 52).

Por isso a necessidade de desvincular-se de concepções modernas/contemporâneas, quando se trata dos estudos acerca da sexualidade dos antigos, particularmente a sociedade romana. Desta forma, os preconceitos e tabus sobre a sexualidade, característicos da sociedade cristianizada, não podem ser aplicados ao olhar para a Antiguidade. Isso porque, “não podemos pensar a religião influenciando a sexualidade, mas sendo parte de uma mesma realidade”, nesse sentido, os símbolos

encontrados na Roma antiga, “pertencem ao mesmo tempo ao sagrado e ao sexual” (CAVICCHIOLI, 2014: 156).

Paul Veyne, Pierre Grimal e Eva Cantarella contribuíram de maneira significativa para a inclusão da temática da sexualidade nos estudos acerca da Antiguidade Clássica. Ao analisar principalmente fontes constituídas pela aristocracia romana, à exemplo da literatura erudita, ambos chegaram a considerar que nas sociedades antigas a “virilidade” masculina se expressava a partir das relações sexuais que um homem tinha. Nesta interpretação, ser “ativo” na relação sexual – ato de penetração – reservava aos homens um *status* social e político (VEYNE, 1985; GRIMAL, 1991; CANTARELLA, 1991). Contudo, as fontes de cultura material podem mostrar um caminho diverso.

Para questionar esta interpretação a Arqueologia exerceu e continua a exercer papel fundamental ao identificar e catalogar fontes da cultura material. A cultura popular, por exemplo, que retrata o cotidiano da população comum de Pompeia, pode contribuir para este questionamento. Uma vez que traz para o campo novas formas de representações e expressões do feminino e do masculino, especialmente nos grafites e pinturas parietais (FEITOSA, 2005; CAVICCHIOLI, 2008; entre outros). Segundo Cavicchioli,

a compreensão da moral sexual como relativa a valores cuja determinação pertence a grupos sociais, ou seja, de que não haveria uma única moral sexual cuja validade independesse dos valores particulares de cada setor da sociedade. Assim, um determinado comportamento que caracterizasse fama do ponto de vista de um grupo, poderia significar infâmia para um outro (Cavicchioli, 2014: 153).

Desta forma, rompe com interpretações historiográficas cuja tendência nos estudos acerca da sexualidade e das relações de gênero na Antiguidade Clássica abordam a condição das mulheres em detrimento da condição sexual masculina (BELEBONI, 2014: 141; BOEHRINGER, 2020: 11).

No período compreendido como Principado romano (27 a.C. a 285 d.C) pode ser entendido como o momento de maior “liberdade” das mulheres na Roma antiga. O que não significa considerar que as mulheres possuísem a mesma “liberdade” dos homens, mas sim, que a condição social das mulheres passa por um processo de transformação. Sobre esse processo, Augusto (63 a.C. – 14 d.C.), como *princeps*, teve ampla influência.

Na tentativa de determinar o que seria o “ideal de conduta social”, Augusto promulgou um conjunto de três leis, a Lei Júlia (*Lex Iulia*) – *Lex Iulia de adulteriis coercendis*, a *Lex Iulia de maritandis ordinibus* e a *Lex Papia Poppea* – com a intenção de reafirmar os “antigos valores familiares de Roma” pautados pelo idealizado *mos maiorum*. A primeira lei do conjunto transportou o adultério da esfera da vida privada para a da vida pública, transformando-o em crime oficial de Estado (EDWARDS, Catherine, 2002: 39 *apud* COELHO, 2018: 19). Para fiscalizar tais transgressões, foi instituído em Roma um tribunal denominado *quaestio perpetua*.

No entanto, a concepção de adultério, na Roma antiga, não é a mesma que a moderna/contemporânea. Já a segunda lei que compunha a *Lex Iulia* se referia ao matrimônio, buscando incentivar o casamento e defender a figura da *matrona*. A própria palavra *matrimonium* indicava que o papel da esposa era se tornar mãe. Logo, a mulher estava destinada à procriação. Contraditoriamente, a legislação matrimonial também trazia consigo alguns direitos que favoreciam as mulheres casadas, por exemplo, permitir autonomia financeira às mulheres, com exceção do dote (VEYNE, 1985; CANTARELLA, 1999).

Se considerada a ambiguidade presente na *Lex Iulia*, as representações sobre sexualidade em outras fontes, que não as fontes oficiais (políticas), podem contribuir para uma compreensão mais plural e diversificada sobre como as pessoas na Antiguidade romana se relacionavam sexual e socialmente. Ademais, ao analisar as representações e expressões sobre a homossexualidade feminina na Roma antiga, é possível

questionar o alcance da *Lex Iulia* em regular as relações amorosas-sexuais. Isso porque o amor entre mulheres – assim como o sexo – não encontra leis de proibição ou violação moral da conduta sexual em termos legais. A homossexualidade feminina, neste sentido, convida a refletir sobre a flexibilidade da *Lex Iulia*, sua aplicabilidade na prática e o ideal de mulher-mãe.

Homossexualidade feminina na Roma antiga (I d.C.): o conto de Ífis e Iante na *Metamorfoses IX*, de Ovídio e sua relação com a cultura material de Pompéia

Públio Ovídio Naso (*Publius Ovidius Naso*) viveu de 43 a.C. a 17 d.C. De família próspera, o poeta frequentou as melhores escolas de retórica e visava uma carreira em política e direito, tendo exercido diversos cargos administrativos e judiciários. Contudo, logo abandonou essas frentes para se dedicar à carreira literária (KNOX, 2009: 5 *apud* COELHO, 2018: 17-18). Ovídio acompanhou os passos que levaram à *Pax Romana*, à implementação das políticas dos *princeps*, vivendo com intensidade as consequências determinadas pela consolidação de uma nova estrutura social (CARDOSO, 1992: 7). Ao analisar suas representações da figura feminina e os prazeres femininos, deve-se considerar que o poeta parte de um discurso masculino (por ser um homem) e de um possível discurso aristocrata, considerando a influência da *Lex Iulia*, de Augusto, e a reforma moral da sociedade romana.

Possivelmente sua obra de maior destaque seja a *Ars Amatoria*, um conjunto de três livros em que o poeta propõe ensinar e guiar seus leitores e leitoras na arte ou jogo de amar. Nessa obra, Ovídio expressar abertamente seu interesse didático:

Ovídio – *Ars Amatoria* (III, 28)

Femina praecipiam quo sit amanda modo.

Às mulheres vou dizer o que devem fazer
para serem amadas.

Em *Ars Amatoria* o poeta diz dirigir seu ensino apenas aos ligeiros amores, o que pode significar que Ovídio provavelmente tinha consciência de que dedicá-los às mulheres casadas não seria bem recebido na sociedade em que vivia. A ambiguidade é característica desta obra, já que ao mesmo tempo em que Ovídio inicia sua elegia dizendo que pretende ensinar ligeiros amores, também oferece dicas para encontrar e manter a mulher certa para se casar. Segundo Veyne, Ovídio “estava menos interessado a sustentar uma alta ficção do que a descrever os costumes sob pretexto de ensinar a moral” (VEYNE, 1985: 87). Esta obra é importante por preceder as *Metamorfoses* do poeta, isso porque, a *Ars Amatoria* é considerada por alguns historiadores como o motivo pelo qual Augusto destinou Ovídio para o exílio, em 8 d.C.

Foi durante o exílio que Ovídio escreveu suas *Metamorfoses*, conjunto de poemas dos quais será abordado o livro IX. Suas *Metamorfoses* é uma obra considerada menos “erudita” por não seguir o mesmo rigor linguístico, embora possa ser considerada uma produção elegíaca, já que adota a mesma métrica (MARTINS, 2009). Um conto específico em *Metamorfoses* IX relata a transformação da jovem Ífis. O conto intitulado Ífis e lante (666 – 797), conta a trajetória da menina Ífis, cuja mãe pediu ajuda divina e enganou o pai, criando a filha como menino. Quando Ífis atinge idade para se casar, o pai a apresenta para a jovem lante e imediatamente elas se apaixonam. Desesperada com a possível descoberta do segredo, a mãe de Ífis pede novamente ajuda divina. Os deuses, então, transformam Ífis em rapaz.

Sandra Boehringler aborda diversos poetas romanos que trataram sobre a homossexualidade feminina em seus textos, entre eles Ovídio. A historiadora indica que Ovídio não foi o primeiro a narrar um caso de amor entre mulheres por meio de uma metamorfose, antes dele, na Grécia antiga, Leucipo narrou algo semelhante. As coincidências entre as narrativas desses

dois poetas, demonstra que, segundo Boehring, Ovídio fez uso do mesmo esboço narrativo de Leucipo (BOEHRINGER, 2021: 213).

No entanto, a metamorfose em Ovídio é um meio para atingir um objetivo e não o próprio objetivo, como na primeira narrativa (BOEHRINGER, 2021: 214). Essa característica faz com que o conto de Ífis e lante possa ser confundido como uma transformação de gênero. Ao contrário dessa interpretação, Boehring oferece uma outra abordagem, considerando que a metamorfose narrada por Ovídio se converte em um meio pelo qual a jovem Ífis atinge seu objetivo, que é casar-se com lante, a mulher amada.

Ovídio começa a narrativa contando o caso de uma mulher que dá à luz a uma menina; o pai, que esperava ansioso pela vinda de um menino, é enganado pela esposa; a mulher pede ajuda aos deuses que lhe orientam criar Ífis como menino (*Metamorfoses IX, 705-706*). Treze anos se passam e o pai de Ífis a promete para lante, jovem virgem e loura, filha de Telestes (*Metamorfoses IX, 715-717*). Quando as jovens se conhecem pessoalmente, se apaixonam:

Ovídio, *Metamorfoses IX (720-721)*

*Hinc amor ambarum tetigitrude pecus, et aequum
uulnus utrique dedit, sed erat fidúcia díspar
Daí o amor tocou o ingênuo peito de ambas,
com feridas iguais e esperanças contrárias*

A mãe, desesperada, recorre à deusa Ísis, clamando-a por ajuda. A deusa atende a súplica da mãe e transforma Ífis em rapaz.

Ovídio, *Metamorfoses IX (785-791)*

*Non secura quidem, fausto tamen omine laeta
mater abit templo. Sequitor comes Iphis euntem,
quam solita est, maiore gradu, nec candor in ore
permanet, et uires augentur, et acrior ipse est
uultus, et incomptis breuior mensura capillis,
plusque uigoris adest, habuit quam femina. Nam quae
femina nuper eras, puer es!*

Inda insegura, mas alegre pelo augúrio,
a mãe saiu do templo; Ífis a segui
mais veloz que o usual; a candura do rosto
some, o vigor aumenta, o semblante é mais fero
e os cabelos revoltos estão mais curtos;
e tem mais força que uma fêmea. Pois, há pouco,
eras fêmea, agora és rapaz.

Segundo Boehring, “a ênfase está, não nas razões pelas quais Ífis deve ser vestida de menino, mas, sim, sobre os motivos pelos quais ela deve se transformar em menino” (BOEHRINGER, 2021: 217). O poeta rompe com os ritos de passagem, uma vez que sua história de Ífis enfatiza as razões pelas quais a metamorfose é necessária (BOEHRINGER, 2021: 217). Nesse sentido, a metamorfose só se faz necessária porque duas mulheres se amam e não porque Ífis deseja se tornar homem. É nesta longa narrativa, portanto, que Ovídio aborda a homossexualidade feminina.

Partindo para as fontes de cultura material de Pompeia – grafite e pintura parietal – cabe ressaltar que a cultura popular possui características próprias e que não se trata de meras cópias ou imitações da cultura erudita (FUNARI, 2008). Segundo Renata Senna Garraffoni, o ato de escrever na sociedade romana pode ser entendido como uma “maneira de preservar eventos únicos e grandiosos nas inscrições oficiais ou sentimentos e paixões nos grafites populares, constituindo um *corpus* das diversas possibilidades de celebrar a vida” (GARRAFFONI, 2007: 20). Garraffoni também considera algumas especificidades dos grafites de Pompéia:

Impulsivo, imediato e espontâneo o grafite é um registro singular que marca um momento específico ou uma necessidade pessoal de deixar registrado uma declaração de amor (...) uma fonte de inestimável valor para o estudo dos anseios e paixões cotidianas a partir de uma perspectiva popular (...) os grafites produziam uma relação distinta com o público: eram pessoais e o leitor tinha que se aproximar de perto (GARRAFFONI, 2007: 22-23).

Ou seja, diferente da literatura erudita, que circulava por grande parte da sociedade romana, os grafites, se caracterizavam por sua localidade,

eram escritos e lidos por quem passavam por eles (GARRAFFONI, 2007: 23). Entre os temas frequentes nos grafites de Pompeia, o amor e a sexualidade ganham destaque. A sexualidade, os amores e a religião, aparecem como experiências indissociáveis tão importantes como comer, dormir e escrever (GARRAFFONI, 2007: 24). Importante ressaltar que o anonimato dos grafites distingue a função do autor que pode ser aplicada à literatura erudita. Além disso, não são tratados aqui apenas como uma representação da realidade, mas a expressão das experiências cotidianas dos grupos populares de Pompeia.

As pinturas parietais são encontradas, geralmente, em paredes internas ou externas na cidade de Pompeia, frequentes em Termas e Lupanares, espaços de convivência social. Caracterizam-se por afrescos apreciados por diferentes camadas da sociedade romana. O público que aprecia essas pinturas faz com que esse tipo de representação tenha uma particularidade. Enquanto a literatura erudita tem ampla divulgação e é consumida por diversos grupos sociais, a pintura parietal, assim como os grafites, depende da presença física do público no local em que está exposta.

Em relação à cultura material de Pompéia, a temática da homossexualidade feminina é menos comum se comparada à literatura erudita. Ainda assim suas aparições são significativas. O grafite abaixo não possui autoria, mas pode ser entendido como produzido por uma mulher ao considerar a conjugação do verbo do latim (FLORES, 2017: 277).

CIL IV, 5296

*O utinam liceat collo complexa tenere
braciola et teneris oscula ferre labe(l)lis
i nunc uentis tua gaudia pupula crede
crede mihi leuis est natura uirorum
saepe ego cu(m) media uigilare(m) perdita nocte*

*haec mecum medita(n)s multos Fortuna quos supstulit alte
hos modo proiectos subito praecipitesque premit
sic Venus ut subito coiunxit corpora amantum
diuidit lux et*

Quem me dera enrolar em meu pescoço os teus bracinhos
e roubar beijos dos teus labiozinhos tenros
vai, garotinha, e confia cada gozo aos ventos
confia em mim, por natureza os homens são levianos.
Enquanto sempre louca e insone atravessei a noite
pensando a sós em tantas coisas: muitos a Fortuna alçou
e depois os oprime súbito precipitados;
também Vênus súbito une os corpos dos amantes
e o dia afasta

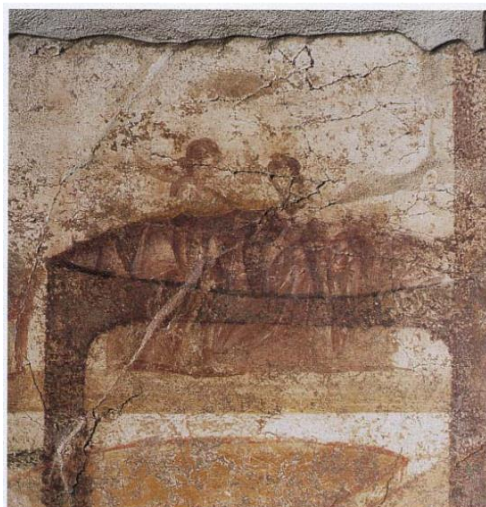
Na interpretação de Guilherme Gontijo Flores,

A inscrição apresenta uma série de aproximações com a poesia: uma tentativa de representação métrica (...), uma descrição da amante diante da porta fechada (que seria o lugar comum do paraklausíthyron na elegia romana), uma série de diminutivos afetivos (braciola, labellis, pupula). Não temos o nome da mulher que o escreveu, nem sabemos se o texto seria de fato de sua autoria, ou uma anotação de memória. No entanto, podemos perceber pelo adjetivo perdita (que verti por “louca”) que se trata de um sujeito feminino que se dirige de modo ambíguo e aparentemente erótico a uma moça mais jovem, pupula. (FLORES, 2017: 277)

A autora deste grafite tenta convencer a mulher amada a corresponder sua paixão sob argumento que “por natureza os homens são levianos” (CIL IV, 5296). Neste grafite, o amor não é compartilhado por duas mulheres, ao contrário do conto de Ífis e lante que explicita a correspondência amorosa entre as amantes. Por isso, é possível considerar uma relação de aproximação e, ao mesmo tempo, de distanciamento entre as relações homossexuais femininas representadas na literatura de Ovídio e no grafite de Pompéia.

Na pintura parietal, a homossexualidade feminina assume um teor sexual explícito, diferente do conto e do grafite:

Figura 1. Relação sexual entre duas mulheres



Esta pintura está localizada na parte interna de um Terma Suburbano (Casa de Banho Público) em Pompeia (62/79 d.C.), no *apodyterium* 7 (apoditório, era o cômodo no qual as pessoas podiam se despir e guardar seus pertences, como um vestiário) cena V (CLARKE, 1998: 40, anexo 13). Considerado suburbano, pois ficava depois dos muros da cidade. Nesta pintura é possível ver o sutil contorno de dois corpos femininos sem aparição fálica. Uma das mulheres assume uma posição no ato sexual comumente representada por homens nas pinturas parietais de Pompéia. Essa mulher, ativa na relação sexual, parece penetrar outra mulher deitada sobre a cama. Ou, como explicado por Garraffoni e Sanfelice,

Apesar de a nitidez da imagem estar um pouco comprometida, as duas mulheres estão imitando uma posição que seria mais comum a um homem e uma mulher, como se na ocasião estivesse ocorrendo uma penetração, o que deixa a cena engraçada, pois as duas dispensam o prazer fálico (GARRAFONI; SANFELICE, 2017: 214).

Diferente do relato de amor sobre Ífis e lante narrado por Ovídio em *Metamorfoses* IX, a pintura parietal representa o ato sexual explícito entre duas mulheres sem indicar necessariamente uma relação amorosa. Ainda

assim, nas duas representações uma das mulheres envolvidas assume um papel comumente associado ao corpo masculino. Ífis adquire traços geralmente caracterizados como traços masculinos, ao passo que uma das mulheres representadas na pintura parietal, assume uma posição sexual que geralmente é característica de um homem.

Tanto no conto de Ífis e lante, como na pintura parietal, “tornar-se homem” não é uma finalidade, mas um meio pelo qual essas mulheres se relacionam com outras do mesmo sexo. Nesses casos, o prazer feminino não é concebido em relação ao prazer masculino, já que não depende do falo para a relação sexual-amorosa. Nesse sentido, a construção do ideal de virilidade masculina na sociedade romana, tal como a ideia do ato da penetração fálica como representação de *status* social – observado por Veyne, Canterella e Grimal -, pode ser questionado, ainda que, nas três fontes analisadas, a homossexualidade feminina seja abordada em relação a alguma característica masculina.

Por exemplo, no grafite (CIL IV 5296), a autora indiretamente compara o comportamento masculino ao feminino, se os homens são por natureza levianos, as mulheres são o oposto. No conto de Ífis e lante, a personagem principal passa por uma transformação corporal para que se case com sua amada, torna-se rapaz, novamente a oposição entre feminino e masculino se mostra presente. Por fim, na pintura parietal, ainda que o falo seja negado, uma das mulheres assume um papel comumente representado por uma personagem masculina nas pinturas parietais de Pompeia.

Considerando o imaginário social como tudo aquilo que faz parte do campo da representação, como expressão do pensamento que se manifesta por meio de imagens e discursos que se pretendem a definir uma realidade (PESAVENTO, 1995, p. 15), pode-se dizer que a homossexualidade na Roma antiga (I d.C.) assume caráter ambíguo, mas não contraventor. Desta forma, é possível compreender que as relações sexuais-amorosas entre

mulheres adquirem uma relação de complementariedade nas fontes estudadas.

Considerações finais

Inicialmente, buscou-se delimitar o campo de estudo do gênero e da sexualidade e sua aplicabilidade nos estudos acerca da Antiguidade Clássica, particularmente, na Roma antiga. Neste primeiro momento, foi possível traçar os limites e as possibilidades de analisar as representações de sexualidade na Roma antiga, considerando as diferenças entre a moral antiga, a moral moderna e a moral contemporânea. Essas considerações mostram-se fundamentais para que a análise central fosse realizada, uma vez que tais categorias foram utilizadas.

Em um segundo momento, propôs-se analisar uma possível relação entre o conto de Ífis e Lante, na *Metamorfoses IX*, de Ovídio e a cultura material de Pompeia, abordando um grafite (CIL IV, 5092) e uma pintura parietal, ambas as fontes relacionadas por abordar a mesma temática. A análise se deu de maneira comparativa com objetivo de identificar e compreender a relação entre os versos de Ovídio e a cultura material de Pompeia, por meio de um viés simbólico, tratando das representações e expressões da homossexualidade feminina como principal escopo de investigação.

A partir da análise realizada, este artigo encontrou uma relação de complementariedade e contradição nas fontes, podendo considerar que há uma relação de aproximação acerca das relações amorosas-sexuais entre mulheres na Roma antiga (I d.C.), para além do elo temático. Isso porque, ambas as fontes analisadas apresentam uma relação de oposição entre o feminino e o masculino, mesmo que a presença do falo seja negada, o masculino mostra-se presente como característica de oposição. Pode-se considerar, por fim, que as relações amorosas-sexuais femininas na Roma

antiga (I d.C.), compõem um painel ambíguo de diferenciação de gênero e, ao mesmo tempo, questionam o ideal de virilidade masculina na Roma antiga (I d.C.)

BIBLIOGRAFIA

- BELEBONI, Renata Cardoso. O leito de Procusto: o gênero na Grécia antiga. In: FUNARI, Pedro Paulo; FEITOSA, Lourdes C.; SILVA, Glaydson José da. *Amor, Desejo e Poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BOEHRINGER, Sandra. *Female Homosexuality in Ancient Greece and Rome*. New York: Routledge, 2021.
- CANTARELLA, Eva. *Ségun Natura: la bisexualidad en el mundo antiguo*. Madrid: Akal, 1991.
- CARDOSO, Zélia L. A. Prefácio. In: OVÍDIO. *Arte de Amar (Ars Amatoria)*. Tradução de Natália Correia e David Mourão-Ferreira Edição bilíngue Latim-Português. Ars Poetica, 1992.
- CAVICCHIOLI, Marina Regis. A posição da mulher na Roma antiga: do discurso acadêmico ao ato sexual. In: FUNARI, Pedro Paulo; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da. (org.) *Amor, Desejo e Poder na Antiguidade*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014.
- CAVICCHIOLI, Marina Regis. Fama e infâmia na sexualidade romana. *Romanitas: revista de estudos grecolatinos*, 2014, n. 3, pp. 153-169.
- CAVICCHIOLI, Marina Regis. A formação de Pompéia antiga: identidade, pluralidades e multiplicidade. In: FUNARI, Pedro Paulo; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (org.). *Política e identidade no mundo antigo*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2008.
- CLARKE, John. *Looking At Lovemaking: Constructions of Sexuality in Roman Art, 100 B.C. – A.D. 250*. Londres: University of California Press, 1998.
- COELHO, Ana Lúcia Santos. As leis augustanas e o amor ovidiano: um jogo de adesões e confrontos. *Codex – Revista de Estudos Clássicos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, Jan/jun. de 2018, pp. 16-31.
- FEITOSA, Lourdes C. & RAGO, Margareth. Somos tão antigos quanto modernos? Sexualidade e Gênero na Antiguidade e na Modernidade. In: RAGO, Margareth & FUNARI, Pedro Paulo A. (org.) *Subjetividades Antigas e Modernas*. São Paulo: Annablume, 2008.
- FEITOSA, Lourdes Conde. *Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A vontade de saber*. v. I. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2021.
- FUNARI, Pedro Paulo A. *A vida quotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume, 2003.
- GARRAFFONI, Renata Senna; SANFELICE, Pérola de Paula. Homoerotismo nas paredes da Pompéia. In: ESTEVES, Anderson Martins; TEONIA, Katia; FROHWEIN, Fábio (org.). *Homoerotismo na Antiguidade Clássica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

- GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MARTINS, Paulo. *Literatura Latina*. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.
- MATTOS, Maria Izilda S. de. Estudos de gênero: Percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. *Cadernos Pagu*, 11, 1998, pp. 65-75.
- OVÍDIO. *Arte de Amar (Ars Amatoria)*. Tradução de Natália Correia e David Mourão-Ferreira Edição bilíngue Latim-Português. *Ars Poetica*, 1992.
- OVÍDIO. Ífis e Iante. *Metamorfoses IX*. Trad. Raimundo Carvalho. In: CARVALHO, Raimundo; FLORES, Guilherme Gontijo; GOUVÊA JÚNIOR, Márcio Meirelles; OLIVA NETO, João Angelo. (org.). *Por que calar nossos amores? Poesia homoerótica latina*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Em busca de outra História: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995, pp. 9-27.
- PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, vol. 11, 1999, pp. 89-98.
- RAGO & FUNARI. Apresentação. In: RAGO, Margareth & FUNARI, Pedro Paulo A. (org.) *Subjetividades Antigas e Modernas*. São Paulo: Annablume, 2008.
- SILVA, Glaydson José da & MARTINS, Adilton Luís. Genealogia e História antiga. In: RAGO, Margareth & FUNARI, Pedro Paulo A. (org.) *Subjetividades Antigas e Modernas*. São Paulo: Annablume, 2008.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 15, n. 2, Jul./dez. 1990, pp. 71-99.
- VEYNE, Paul. *A elegia erótica romana: o amor, a poesia e o ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ZANGEMEISTER, Carolus (ed.). *Inscriptiones Parietariae Pompeianae Herculanenses Stabianae. Corpus Inscriptionum Latinarum*. v. IV, Berlin: Akademie Verlag, 1909.